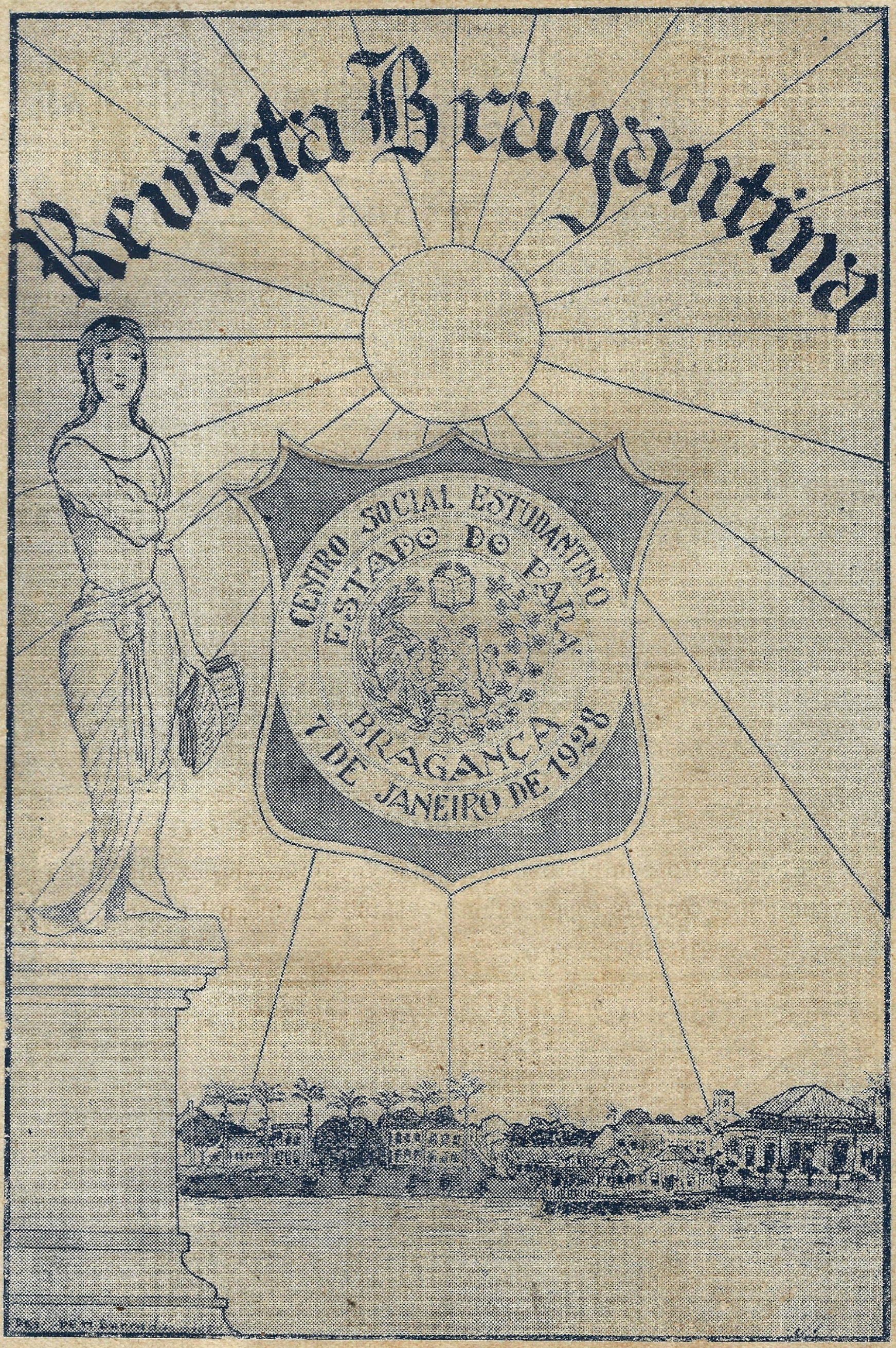
1º 3

Revista Bragantina



Typ. do Instituto Lauro Sodré

PREÇO 600 réis

Collegio Progresso Paraense

RUA DOS MUNDURUCÚS, 30

(BAPTISTA CAMPOS)

Mantém bem organisados os cursos: PRIMARIO, NORMAL, GYMNASIAL e COMMERCIAL, sendo os dois primeiros equiparados aos institutos officiaes do Estado, pelo que confere diplomas de estudos elementares, primarios e de professor normalista. Prepara alumnos para admissão ao Gymnasio e para exames de Madureza. Corpo docente de reconhecida idoneidade.

Recebe alumnos internos, externos e semi-internos. Abertura das matriculas a 2 de janeiro

DIRECTORES { **Desembargador Arthur Porto e Edgar Pinheiro Porto**

PHARMACIA "DR. MAYA"

DE ***JOÃO CRUZ PACHECO***

Sortimento completo de drogas Nacionaes e Extrangeiras

Aviamento de receitas, com a maior brevidade e asseio, pelos menores preços

TRAVESSA LAURO SODRE' 9 —x— **BRAGANÇA - PARÁ**

FABRICA CHANAAN

EXTRAÇÃO DE OLEOS E SABOARIA
DE BENEDICTO M. DIAS

O melhor sabão e mais economico produz esta FABRICA, que se impõe pelo valor de suas marcas, reconhecida em qualquer parte.

Vává, Marte e Jupiter

Prefiram sempre os productos desta Fabrica. Façam as suas compras hoje mesmo

RUA FLORIANO PEIXOTO

BRAGANÇA — PARÁ

PharmaciA MINERVA

— DE —

JOVELINO LEÃO

Nesta Casa encontra-se sempre um completo sortimento de DROGAS, PREPARAÇÕES CHIMICAS, NACIONAES e EXTRANGEIRAS.

Garante-se a qualidade dos artigos que sahem desta CASA assim como a SUPERIORIDADE, ASSEIO nas preparações e BARATEZA nos preços.

Não façam suas compras sem consultar os preços da

PHARMACIA MINERVA

Rua Visconde do Rio Branco, 43-BRAGANÇA

Camisaria Central

FABRICA DE ROUPAS

DE J. D. MESCOUTO

Especialista em artigos para homens, senhoras e creanças:

Gravatas, Meias, Roupas Brancas, etc.

SORTIMENTOS COLOSSAES. PREÇOS AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS

Fabrica de Camisas Sob Medida

TRABALHO COM PERFEIÇÃO, ESMERO E RAPIDEZ. VISITEM A

Camisaria Central

RUA 13 DE MAIO, 59 — BELEM

SAPATARIA MODERNA

DE

W. CARDOSO

Recentemente fundada, esta casa convida as Exmas. familias a fazerem uma visita para verificar o seu grande «stock» de calçados da ultima moda, bem como outros artigos como sejam: — MEIAS de sêda e algodão, SOMBRINHAS, CHAPE'OS e muitas outras miudezas de grande valor a preços excepcionaes!!!

Visitae a

Sapataria Moderna

RUA VISCONDE SOUSA FRANCO

Pr-firam os produc'os do

CURTUME ROYAL

FLORENCIO SOUSA

Especialista em Solas e Couros miudos curtidos

Compra toda e qualquer quantidade ... couros verdes ou seccos, aos melhores preços

Productos garantidos só os do

Curtume ROYAL

BRAGANÇA—PARÁ

REVISTA BRAGANTINA

Orgão do Centro Social Estudantino

SUMMARIO

Resurgimento	E. P.
Impressões	*R.*
Sonetos..... .	Bolivar Silva e Lauro Cunha.
Sociologia critica...	Bolivar Silva
Nocturno (Poesia moderna).....	Heymar Tavares
O Canto do Bem-te-vi	Bencéper
Sociaes.....	R.
Bragança no anno 2130...	Philogeo Caeté
Piano triste	Schwartz
Roceiras.....	Bencéper
Ironia do Destino	Flôr de Liz
Cégo (Soneto)	Hamilton Torres
Agora é tarde	Cyriaco Oliveira
A'quella noite (conto).....	Carlos Wilson

2ª Directoria do Centro Social Estudantino

PRESIDENTE — Armando Bordallo da Silva
VICE-DITO — Oswaldo Newton Pacheco
1º SECRETARIO — José Nonnato Schwartz
2º DITO — Lauro de Oliveira Cunha
ORADOR — Bolivar Bordallo da Silva
VICE-DITO — Orlando Henriques de Araujo
THESOUREIRO — Simpliciano Medeiros Junior
BIBLIOTHECARIO — Pedro Helio de Mello
DIRECTOR DE SPORTS — Antonio Fernandes Medeiros

Revista Bragantina

ORGÃO DO CENTRO SOCIAL ESTUDANTINO

Director — BOLIVAR BORDALLO DA SILVA

ANNO III | Bragança, 7 de Janeiro de 1930 | NUM. III

RESURGIMENTO

A mocidade brazileira definha assustadoramente, nestes ultimos tempos, arrastada pela corrupção dos costumes que cada vez mais a vae compellindo para o abismo da degradação physica e moral.

Trata-se de um verdadeiro mal social cuja endemia tem attingido todas as classes, poluindo assim as energias vitaes do nosso povo.

Urge, portanto. salval-a, reanimando-a por meio do ensino educativo bem orientado e provocando em si o despertar do brio da nacionalidade.

Porque havemos de ser um povo desfibrado e doentio?

E' mistér luctar por um futuro melhor, mais digno de nós mesmos, não só imitando a evolução progressiva dos outros povos cultos, como creando para esta mocidade, que ora se arregimenta na formação da sociedade de amanhã, um methodo pedagogico proprio e compativel com a sua situação actual.

Um dos principaes segredos de todo o desenvolvimento progressivo é incontestavelmente a perseverança das vontades fortes e racionaes. Ha em tudo o que evolue para melhor uma força especial que se assignal-a pelo resultado efficazmente obtido e que se chama *vontade*. Porem não é bastante possuil-a, é preciso saber executal-a. Executemol-a, pois, se a temos laborando dentro de nós.

Primeiramente, a cultura physica deve ser a base de nosso programma de reeducação. Tratemos do corpo para que o espirito possa desenvolver-se e produzir assim alguma cousa estavel ou capaz, e teremos certamente corporificada a bella formula lançada pelo illustrado educacionista dr. Fernando de Azevedo, numa conferencia realizada, annos atraz, em S. Paulo, sobre o thema—«O segredo de Marathona»; «Um bello corpo desperta e forma uma bella alma.» Elle affirma a educação physica como factor primordial no desenvolvimento ou equilibrio da perfeição moral, formação do caracter e hygiene do corpo, julgando-a indispensavel a todo o programma educativo que obrigue a infancia á sua cultura para bem se alicercear as bases embrionarias dos pequenos organismos a se desenvolverem sob a influencia benefica de exercicios physicos gradativos e apropriados á physiologia de cada um.

Propaguemos todas as boas ideas nesse mistér ingente e sobretudo estimulemos o culto pela virilidade como um dos principaes preceitos do resurgimento de nossa raça.

A seguir entremos então no campo da cultura moral e civica, campo mais vasto e mais fecundo onde se devem alliar para a consecução do mesmo fim os esforços do pae extremoso e do mestre consciente do seu nobre sacerdocio.

Cuidemos da escola; tornando-a, como no dizer do immortal Ruy Barbosa, o prolongamento do lar; mas, bem entendido, desse lar honesto idealisado pela sua fecunda imaginação de estheta da moral civica.

Nada ha mais significativo no seio de uma sociedade que progride do que o desenvolvimento ethico da sua organização escolar, dizia muito bem o saudoso mestre Carlos Nascimento. Educar não é apenas instruir, pois que a instrucção desajudada dos preceitos educativos faculta ao neophyto uma habilidade que só a educação poderá elevar á categoria de uma virtude social.

O bom meio educativo desperta sempre no espirito perfeito a alegria de viver e o enthusiasmo por tudo quanto de nobre e trabalhoso existe. A lucta estimula e transforma principalmente como meio para attingir um direito, que é, na concepção moderna, a mais lidima conquista da intelligencia humana.

Enrigemos o corpo e formemos o coração que a mente será equilibrada. E' um dever imperioso de todo o bom cidadão e tanto mais nobre e tanto mais justo quanto mais puder aproveitar a esses jovens rebentos, quer pelo exemplo, quer pelo conselho, obreiros de uma Patria nova e redimida.—E. P.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ
Seção de Obras do Pará

IMPRESSÕES

Bragança resurge hoje com a actividade intelligente e moça de s. exc. o dr. Lopes de Queiroz, nomeado para dirigir os destinos deste municipio paraense no periodo 1929-33.

Empunhou ha poucos mezes as redeas do governo e já a população se sente viver numa athmosphera de trabalho, um trabalho intenso e patriotico, pois s. exc. o dr. Lopes de Queiroz, tendo consciencia de sua responsabilidade, esforça-se para mostrar a todos as suas aspirações na realisação de seu programma de governo.

Entre os melhoramentos iniciados por s. exc. contam se a construcção do grupo escolar «Monsenhor Mancio» e abertura da estrada de rodagem Bragança Almoço.

Estes dois importantes trabalhos do jovem administrador são as credenciaes de uma phase de resurgimento para Bragança que bem se pode orgulhecer de tel o cheio de vida e mocidade, de aspirações nobres e de enthusiasmado amor pela terra natal.

Estudando, desde muito, as possibilidades naturaes de nossa terra, s. exc. voltou as suas vistas para as estradas de rodagens que reconhecidamente são o indice representativo do progresso das regiões que atravessam.

A rodovia Bragança Almoço, atravessando uma fertil região do municipio segue, em linhas geraes, um antigo traçado, e margina, a pouca distancia, o Caeté barrento e maravilhoso.

Os directores do Centro Social Estudantino foram convidados por s. exc. o dr. Lopes de Queiroz que se dignou mostrar-lhes em seu automovel toda a extensão construida, descrevendo os trabalhos em uma conversação intima e attrativa.

Percorridos 14 kilometros construidos e inspeccionados os trabalhos, s. exc e os convidados fizeram-se de volta a Bragança.

Em todo o percurso bem se pode notar o quanto se tem feito para conseguir adaptar essa estrada ao transito de automoveis e caminhões, ora se estendendo em rectas interminaveis, ora essicoleando por entre lagos e campinas verdejantes.

E' intensão de s. exc. manter uma linha de caminhões, para mais facilitar o transporte dos productos dessa farta região bragantina, em todo o percurso da estrada que será de 40 kilometros, approximadamente.

S. exc. o dr. Lopes de Queiroz iniciando apenas o seu governo já nos revelou o quanto Bragança ha de progredir doravante, seguindo as directrises de seu plano administrativo.

A instrucção de nosso povo tem preoccupado muito s. exc. que se esforça para melhoral a, intensificando-a em todos os pontos do municipio.

A REVISTA BRAGANTINA que se interessa pelas boas causas, pelo resurgimento de Bragança e pelo bem estar de sua população, felicita s. exc. o dr. Lopes de Queiroz, desejando que s. exc. continue a trabalhar, dando um exemplo do quanto somos capazes.

Selva bragantina

Aos meus queridos paes com devotado amor e carinho.

Verde selva da terra bragantina,
Que se levanta altiva e sobranceira,
Para um ceu sempre azul que se illumina
Do mesmo sol da Patria Brasileira.

No rustico silencio que domina
O grande coração da matta inteira;
Desde a herva rasteira, pequenina;
Desde o mais alto estipe de palmeira;

Até ao celere rio que serpeja,
Entre alvas praias, rutilo a brilhar;
Ha bem um quer que seja de bellesa,

Que a verde selva bragantina beija,
Orgulhecida e faceira em seu altar:
— E' o coração da propria Natureza.

BOLIVAR SILVA

O burytiseiro

Verde e formosa sua folha dansa
Sob a benção de luz que vem da aurora,
Folha onde á tarde o rouxinol descança,
Saudando a luz do sól que ainda está fóra.

Ei-lo, estorcido ao vento que o balança,
Onde a brisa estival soluça e chora!
A haste aprumada e esguia cresce e avança
Por entre as outras arvores da flora.

Cerca-lhe o tronco verdejante ornato
E, encima, a cópa mandida de fructos,
Mira-se na agua clara do regato.

E altaneiro e sereno, só lhe resta
Ser como esses gigantes impolutos
Symbolisando a força da floresta.

10—8—929.

LAURO CUNHA

Sociologia critica

«O homem ha de preencher o seu destino na sociedade»,

Na phase embryonaria de nossa organisação socio-politica bem difficil será ao homem grangear os fructos opimos de um estado de civilisação; bem dificil será, porque, elle proprio não comprehende a sua missão como elemento que é no desenvolvimento, ou evolução propriamente dita, da sociedade que se debate agonisante na apertada esphera que o homem mesmo creou; e a difficuldade augmenta, mais ainda, quando sem conhecer o terreno que vae palmilhar, se envereda pelas tortuosidades do estreito caminho de nosso estado economico que soffre as consequencias daquella.

Tolhidos pela analphabetisação, os 60% de nosso povo, emprestam ás localidades de nascimento, o mais negro indifferentismo sem avaliar na ignorancia em que vivem o quanto são inuteis e perdularios.

O homem ha de preencher o seu destino na sociodade quando, convenientemente apto, expurgar as doenças phisicas e moraes do seio exhausto e irreflectido dos aggregados sociaes.

O caldeamento das diversas raças, dentro do qual oscilla o typo do brasileiro em formação, foi a muralha que nos cingio á evolução lenta e incerta de nossa nacionalidade e que vem relardar qualquer tentativa que se faça para melhorar a situação das sociedades.

Todo esforço deverá ser para estirpar do seio do nosso povo esse grande mal—a ignorancia—que vem intoxicando o organismo nacional, e, até mesmo, incapacitando-o para a defeza de seus interesses.

A desogarnisação politica do paiz inteiro é bem a reminiscencia do historico periodo do Brasil selvagem.

Na dosagem de nossa precedencia ethnica, muito predominaram os caracteres do indio. Muito nos approximamos dos selvagens que a tudo assistiam sem comprehender. E aos ritos da civilisação, (como o primitivo indio admirado dos santos rituaes da primeira missa resada no Brasil) assistimos, com olhares desconfiados a evolução politica dos outros povos.

Descurado da saúde e afundado na mais completa ignorancia, vive o povo entregue á miseria. Ademais os traços ethnographicos com uma determinante, pesadamente, influem no desequilibrio economico de nossa organisação politica e social.

Mas, apezar disso, não devem os governos e os que teem uma idéa mais ou menos perfeita de seus direitos e deveres, cruzar os braços e assistir o desmoronamento do edifficio social. Devem agir, estudando os melhores meios de combater esse indifferentismo que se fixa profundamente na consciencia estacionaria dos analphabetos, e que asphixia todos os sentimentos.

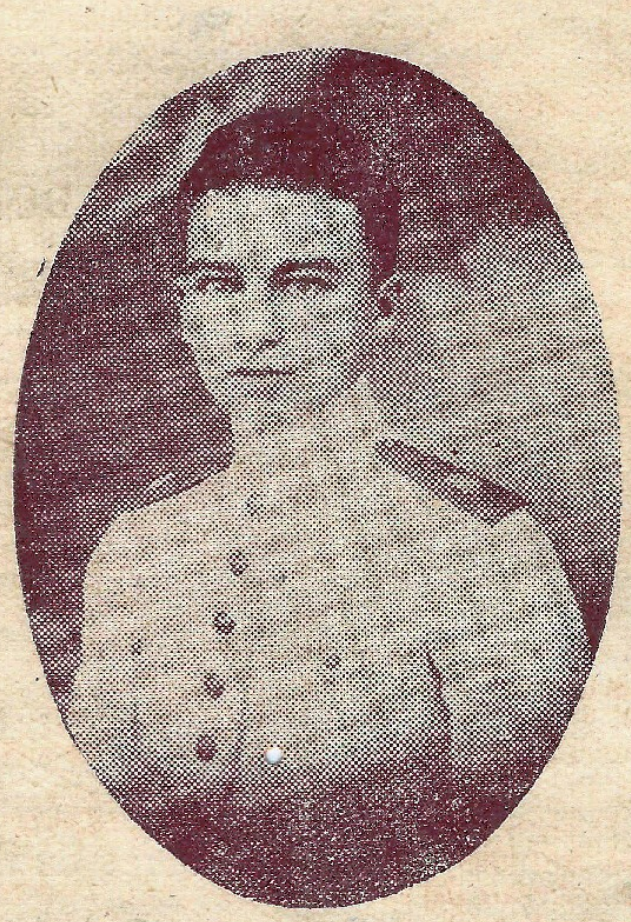
A reação ha de se fazer, porém, tanto mais lenta, quanto menor a força empregada em combatel-o.

Indubitavelmente que ao Governo, a suprema direcção de um povo politicamente organisado, cumpre acautelar os interesses da communhão geral. O Governo na sua efficiencia não encontra limites de acção e deve soccorrer tudo que venha influenciar a vida interna e externa da acção, como o legitimo representante da soberania nacional.

Cuidar de nossa instrucção é um dever que se impõe ao governo; é um legitimo direito do povo; e descurar della implica num quasi suicidio attentatorio da dignidade nacional.

O homem que não esteja sufficientemente instruido, não poderá comprehender a sua missão social e ha de se manter sempre num periodo de animalidade. Afastando o homem dos meios capazes de sahir desse periodo, primitivo da humanidade, a organisação social será falha e consequentemente estará o Estado longe do progresso e da civilisação do mundo actual.

BOLIVAR SILVA



Oswaldo Newton Pacheco, distinto vice-presidente do «Centro Social Estudantino» e filho do nosso presado amigo coronel João Cruz Pacheco e sua digna esposa d. Amelia Pacheco, que acaba de concluir o curso do Collegio Militar do Ceará, onde brilhantemente se distinguio.

VERSOS — MODERNOS

NOCTURNO

A minha rua, hoje, adormeceu
primeiro
que eu.
Por uma fresta da janella, eu lanço um olhar somnambulo
á minha rua
toda despovoada e ennevoada como um sonho de ébrio;
e vejo, lá na esquina, aquelle lampeão
distendendo o braço concavo pra frente
com uma lampada na mão...

A minha rua, hoje, adormeceu
primeiro
que eu.
Extranhas vozes roucas, rispidas passadas
férem a insensibilidade das calçadas
da minha rua.
No telhado symetrico da casa do visinho
um gato elegante, trajando «smoking»
conta a uma gatinha interessante
h'storias engraçadas...

De repente,
um conjuncto philarmonico de sapos,
numa desharmonia jazzbandica,
— julgando estar a lua chorando qualquer magua —
enche com os seus minuetos quasi funebres
os repletos salões das poças dagua

Ouve-se o rangir de rodas rodopiando pelo asphalto.
São os carros da Limpeza
que vão levando, no ventre, satisfeitas,
todas as coisas pôdres da cidade,
todas as immundicies dos quintaes...

Passam...
Retorna á mansidão,
a noite tisnada todinha de preto...

O silencio se esfaz em suaves cicios...

E eu arrisco o ultimo olhar á minha rua comprida
como uma estrada de rodagem...
(E sob a luz enferma do lampeão que está na esquina,
quasi para cahir de somno)
eu deixo-a dormir e sonhar com coisas magnificas
que ella jámais possuirá em suas mãos!...

A MINHA RUA,
QUANDO DORME,
PARECE UM TUNEL SINISTRO
POR ONDE UM TREM VAE PASSAR...

HEYMAR — TAVARES

O canto do Bem-te-vi

A proposito da conferencia do applaudido intellectual, deputado Romeu Mariz

Aos jovens e distinctos conterraneos Armando e Bolivar Silva

Ary, joven indio «Caeté», filho unico de «Camutá» (tuchaua da pequena taba que habitava o bairro da «Aldeia»), eximio caçador e imitador do canto de todos os passaros, estava, um dia, de arco e flexa, em riste, prestes a desferir a flexada certeira, no bando de «aracuans», que pousára em frondoso ingaseiro, attrahido pelo solfejo enganoso, quando sentiu alguem puxar-lhe o braço com que segurava a flexa.

Ary voltou-se e viu a seu lado a formosa Cy, ídolo das florestas bragantinas e que lhe fôra promettida em casamento pelo guerreiro pae da joven india. Pelos modos supplices e quasi afflictos da recemchegada, notou Ary que algo de anormal se passára na taba.

Recollocou, ò arco a tiracollo; a flexa no bornal; ageitou a tanga, e o cocar de vistosas pennas e, com faceira e respeitosa reverencia, saudou a sua bella compromettida.

Pelo corpo bronzeado de Ary perpassou um frémito de prazer luxuriante ao vêr-se sosinho, longe da taba de seus maiores, quasi perto do «riograndе», ao lado da bem amada. Sentiu um choque violento pela epiderme como se duzentos «puraqués» lhe tivessem descarregado baterias electricas. Tremulo de susto, procurando fazer-se forte á grande commoção que o invadira por causa da formosa e meiga apparição, elle, que nunca vacilára ante dez e vinte «Tembés» e outros tantos «Urubús», tribus indigenas inimigas da sua, fallou titubeante á joven :

—Que deseja do seu escravo Ary a filha de «Urupê» ?

—Por que veio com tanta urgencia, a ponto de caminhar sosinha tão grande distancia ?

E a formosa indigena, meiga e provocante, confidencialmente, respondeu-lhe, a voz adocicada :

—Se importuno o forte guerreiro, e valente «Caeté», é, somente para informar que estou sendo victima de constantes impertinencias do «chefe cariuna» que, ha tempos, conquistou nossas terras e nossa gente e ergueu a sua taba na curva do rio.

—Seu atrevimento foi desmedido tentando seduzir-me com declarações de amor.

—Ante a resposta negativa que lhe dei, exasperou-se como um jaguaré. Reluctei com energia e indignação; recusei a affrontosa proposta de uma fuga precipitada.

Então, o «guerreiro branco» ameaçou-me e a todos os nossos irmãos, de reduzir a cinzas as nossas «choças» si, até amanhã eu não lhe tiver dado resposta satisfatoria; jurou mais, que de qualquer fórma eu pertencer-lhe-ei—ou raptada, ou, após a guerra de morte com que dizimará todos os nossos poucos guerreiros dos quaes o mais visado és tú.

Salva-me! Salva-nos Ary, pois só em ti confio !...

*
* *

Cy, referira-se a Alvaro de Sou-

Entre mimosas flores, Heloisa Ferreira é vida, emoção, encantamento ...

sa, o bravo luzitano desbravador de nossas glebas; fundador de Bragança antiga «Villa de Sousa». O destemido donatario destas plagas virgens, tendo erguido suas tendas de trabalho no local que hoje conhecemos por «Villa Guéra», embrenhou-se pelas selvas que marginam o «Caeté» estudando topographicamente o terreno. Após alguns annos de acuradas investigações e profundo exame com numeroso pessoal que o acompanhava desde Belem e de haver sem grande reluctancia, domesticado e quasi civilisado os selvicolas «Caetés», sua attenção fôra despertada pela «cunhantan» formosa, filha de «Urupê», guerreiro valente da tribu cujo tuchaua era «Cumutá», pae do joven Ary.

De estatura mediana, cabellos ondeados e da côr do «japim» a cahirem-lhe pelas espaduas de jambo moreno ; olhos sonhadores e amortecidos, qual o reflexo da lua cheia sobre o rio corrente; labios purpurinos e provocantes. Cy foi a tentação de Alvaro de Sousa que não mais deseja fazer outra cousa senão embevecer-se na contemplação apaixonada das bellas fornas da gracil selvagem bragantina.

Ininterruptas visitas o garboso donatario fizéra á taba do velho «Camutá».

Pequena «igarité», diariamente, pela manhã e á tarde, singrava, velez, as aguas mansas do murmurejante « Caeté», em direcção á «Aldeia». E o bom tuchaua «Camutá», sorrindo, affectuosamente, orgulhava-se com aquellas visitas do «chefe cariuna» e servia-lhe, sempre, o saboroso assahy, a gostosa moqueca, o cheiroso ananaz e as deliciosas macacheiras e batatas.

Sousa, não podendo mais guardar em segredo a forte paixão que o empolgára, vendo, um dia, sosinha, sob a fronde das mangueiras a Cy de sua alma apaixonada, approximou-se della e fez-lhe a declaração vehemente do seu affecto.

E o «bem-te-vi», lá do alto da mangueira, musicou em notas alegres aquella confissão de amor, a primeira que se fizéra na terra bragantina.

Alma rustica, porém sincera e bôa, como sóem ser todas as nossas gentis conterraneas, Cy não accedeu aos rogos, juras e até ameaças do chefe «branco».

O seu coração era fiel; pertenceria sómente a Ary.

Indignada com a continuação daquellas persistentes conquistas e ameaças, resolveu relatar tudo ao seu futuro esposo.

*
* *

—Cy é a vida de Ary e Ary agradece do fundo dalma a confissão que lhe fez e promette protegel-a contra as indignidades do «guerreiro branco», respondeu o joven «Caeté».

E, amorosamente enlaçados num quasi abraço apaixonado os dois amantes volveram para a «Aldeia» e ao tuchaua «Camutá» relataram tudo.

A' noite desse dia houve grande reu-

Saudades de Bragança

Armando — *Manhã de Agosto fria e de saudade,*
Bolivar — *Em que nos vem teu nome ao pensamento;*
Schwartz — *Manhã tristonha, mas, na realidade,*
Armando — *Cheia de vida e cheia de tormento.*

Bolivar — *No insondavel abysmo da anciedade,*
Schwartz — *Soluça o coração em vão lamento,*
Armando — *Incendido de amor da mocidade,*
Bolivar — *Na atroz desillusão de seu intento.*

Schwartz — *Pouca alegria resta, mas no entanto,*
Armando — *O teu nome nos fica na lembrança,*
Bolivar — *Sentindo o teu amor na voz do pranto.*

Schwartz — *Desta quadra ditosa que se avança,*
Armando — *Ouviremos mais tarde o doce canto,*
Bolivar — *De sonhos, de illusões e de esperança.*

ARMANDO BORDALLO DA SILVA.
JOSÉ NONNATO SCHWARTZ.
BOLIVAR BORDALLO DA SILVA.

Em viagem de regresso a Belem, no trem da E. F. B. no dia 1 de Agosto de 1929.

nião, na taba. Os chefes, presididos pelo tuchaua, deliberaram, unanimente, que Ary recebesse por esposa, naquella mesma noite, a sua eleita.

Os guerreiros «Caetés» não podendo tomar uma desforra das ameaças do «Chefe branco» que era mais forte em numero de combatentes e apetrechos bellicos, brandiram os seus «tacapes», quebraram as suas «flechas» em signal de protesto e indignação.

«Camutá», pela primeira vez, sentiu a dôr profunda da deslealdade do «chefe cariuna» e, muito embora de coração opprimido, approvou a resolução tomada pela sua gente de, após o casamento de Ary abandonarem todos a taba onde nasceram.

O pagé da tribu «Caeté» realisou o cerimonial indigena. Após terem todos os guerreiros e chefes circundado, tres vezes, á fogueira lendaria, em signal de despedida e outras tantas vezes, solvido da «gaçaba» o «cauin» fortissimo, em regosijo aos esponsaes de seu futuro chefe, já quasi madrugada, em dezenas de «igarités», seguiram todos para as margens do «Cury», abandonando, desse modo a «Aldeia», onde, até então, viveram.

* * *

Quando no dia seguinte Alvaro de Sousa veio cumprir as ameaças que fizéra á tribu «Caeté» viu, com grande espanto seu, deserta a «Aldeia». Sentiu a honradez, altivez e dignidade dos filhos de nossa terra; teve remorsos de haver sido tão violento e mais grosseiro que os nativos.

E, saudoso dos meigos olhos da apaixonada india, na certeza de nunca mais vêl-a, ordenou então, num preito de saudade, que sua gente mudasse suas tendas para a taba abandonada porque, dalli, não mais sahiria.

Com uma devoção, Alvaro de Sousa, todos os dias, se dirigia ao pé da mangueira onde ouvindo o canto do «bem-te-vi», declarara o seu immenso amor á formosa Cy.

* * *

Devido a esse grande amor do «guerreiro branco», amor não correspondido pela india é que Bragança edificou-se na margem onde outróra existira a taba dos «Caetés», e o antigo lugar da residencia do «chefe branco» começou a chamar-se «Villa Cuéra» nome que traduzido do «guarany» para o portuguez significa—cidade que foi».

BENCEPER

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ
Seção de Obras do Pará

Bragança

Debruçada ao Caeté murmuroso, olha ao longe o horizonte purpurino ao despontar o sol; ergue-se num raio de luz e mira-se nagua corrente do rio.

Dir-se-á que o Caeté traz, eternamente, gravada em suas aguas a imagem daquella cidade paraense.

E como um hymno de saudação rumoreja na densa rama dos mangueiros proximos, a voz sibillante de sua alma apaixonada.

Uma corôa de verdura cinge lhe as fórmas, e ella graciosamente sorri ao perpassar a brisa.

A Natureza fel-a formosa e os seus filhos fizeram-na sorrir na alegria de um ideal. Nelles bruxolea o clarão de um orgulho, orgulho de engrandecel-a.

Em minha alma, numa ardente força mysteriosa e sublime, se agita a febre da saudade...

Nestas minhas palavras vae a harmonia da saudade e do amor que Bragança bem merece.

Belem — 12—929.

ASTOR CAMINHA

ANNIVERSARIOS

Festejou no dia 1 deste mez o seu anniversario natalicio o exmo. sr. coronel Cezar Pinheiro. Nesse mesmo dia completou mais um anniversario a sua dilecta filha Sarah Augusta. Por esse motivo innumeras foram as felicitações que receberam.

—A prendada senhorita Laura do Couto Pereira, filha do capitão Severiano Mendes Pereira, commemorou nesse mesmo dia o seu anniversario natalicio.

—Tambem viu passar mais um anniversario nesse dia, a menina Ondina, graciosa filha do sr. João Araujo, commerciante nesta praça.

—A 2, o sr. Levindo Borges de Almeida, inspector de linhas do Telegrapho Nacional.

—A 3, decorreu o anniversario natalicio da sra. d. Gloria Schwartz, digna esposa do capitão José Clemente Schwartz, commerciante em nossa praça.

NOTAS

A 13, o sr. Antonio Fernandes Medeiros Junior.

—A 19, o sr. Cantidio Gouveia, encarregado do Telegrapho Nacional desta cidade.

—A 20 decorreu o anniversario natalicio da distincta professora Annita Carépa Corrêa, digna esposa do sr. Augusto Corrêa.

A 22, o da exma. sra. d. Zilda Ferreira Siqueira Mendes, virtuosa esposa do dr. Antonio Siqueira Mendes.

Senhorinha Laura Pereira Medeiros, um dos formosos ornamentos do nosso «set».

CANTILLENA DA DUVIDA

Se accaso eu lhe dissesse assim um dia:
— «Amor: finalizemos isto tudo...
Eu te odeio e detesto... Eu te illudo...»

— Ella choraria?

Ella eu bem sei que isso não faria!
Porém, se aos seus ouvidos eu dissesse
uma canção de amor em tom de prece?

— Ella cantaria?

Se o desejo que eu sinto ella sentisse!...
Se eu fosse confessar-lhe, na verdade,
todo este amor, desfeito em ansiedade:

Talvez que Ella sorrisse!...

PETRONIO.

SOCIAES

—A 23, o da senhorita Maria Cardoso, dilecta filha do sr. Albino Cardoso Pereira, abastado commerciante nesta praça.

—Nessa mesma data commemorou o seu anniversario o sr. Joaquim Mescouto, contador da Intendencia Municipal de Bragança.

—A 24, a sra. d. Aurea Paz da Paixão, esposa do professor Antonio Amado da Paixão.

—A srta. Alzira, filha do sr. Antonio F. Medeiros Junior.

Pharol do Gurupy, na ilha do Apehú

O CAVALHEIRO QUER

VESTIR COM ELEGANCIA ?

VÁ JÁ A

ALFAIATARIA MENDES

A MELHOR E MAIOR DE BRAGANÇA

PREÇOS SEMPRE OS MAIS BARATOS

ELÉGIA

Vendo-te, assim, nesse retrato, onde
tua linda imagem vê-se retratada,
dentro da minha altivez real de Conde,
julgo-te a minha Castellã amada...

Enlevo doce que se não esconde,
este que eu sinto, vendo-te, alada,
embellezando, com um sorriso, a fronde
do meu Jardim sem dryade, sem fada...

Canto-te os olhos... o sorriso... tudo
o que augmenta esta ansia, á qual mergulho
cégo — por ti! pelos teus labios — mudo!...

Doce visão de Thales de Mileto!
— Só tú poderás ser, para o meu orgulho,
a gloria e a inspiração deste soneto!...

PETRONIO

—A 25, o intelligente e joven Hamilton, filho de nosso presado amigo Cyriaco Oliveira, secretario da Intendencia Municipal de Bragança.

—A 26, a sra. d. Maria da Luz Bordallo, sogra do nosso presado collaborador sr. Sebastião José da Silva e avó dos academicos Armando e Bolivar Silva, presidente e orador, respectivamente, do Centro Social Estudantino.

—Decorreu a 29 do corrente mez, o anniversario natalicio do provecto mestre desembargador Augusto de Borborema, lente cathedratico da Faculdade de Direito do Pará.

VISITANTES

Recebemos a visita da distincta senhorita Hermilla Nobre, applaudida soprano paraense que nesta cidade veio effectuar um recital de arte.

A intelligente soprano, pelos seus dotes pessoaes, soube conquistar um largo circulo de amisade em nossa cidade e bôa impressão deixou de seu talento artistico.

A REVISTA BRAGANTINA, penhorada pela alta distincção da senhorita Hermilla, faz os seus votos de felicidade, augurando um sem numero de successivas victorias em sua linda carreira.

Bragança no anno de 2130

(CONTO)

Ao talentoso amigo Benedicto Cesar Pereira

Era uma vez...

Naquellas noites enluaradas do mez de agosto do anno 2130, cercada por um bando garrulo de netos, bisnetos e tetranetos, a veneranda senhora d. Iracema Caeté, costumava contar aos seus queridos descendentes, lindas historias suggestivas, sendo *era uma vez...* o inicio obrigatorio de todos os contos.

A senhora d. Iracema Caeté morava em um soberbo palacete á Avenida Beira-Rio, antiga Costa Rodrigues, e de seus sumptuosos pateos mouriscos olhando a vasta bacia artificial do porto de Bragança, a graciosa curva do rio Caeté, e os esplendores fulgurantes da prateada luz da lua que tremebrilhava á superficie das aguas, que ella costumava dirigir-se aos seus netinhos em contos infantis.

Um dia, porém, modificando esse inicio de historias repetidas tantas vezes, dirigiu-se a senhora d. Iracema Caeté aos seus netinhos, pedindo-lhes que lhe ouvissem com attenção, pois, iria descrever a linda cidade de Bragança a duzentos e tantos annos atraz.

—Queridos netinhos—Ainda tenho a memoria bastante lucida apezar de dentro de poucos dias completar as minhas duzentas primaveras. (Não vos espanteis leitor amigo, por esse tempo os homens viveram muito, pois que o processo Voronoff e outros simillares de rejuvenescimento já terão alcançado um exito invejavel e a senhora d. Iracema Caeté, certamente pela quarta vez o teria feito, motivo pelo qual, contando duzentas primaveras, ainda trazia a memoria bastante lucida).

Não pensem queridos netos, que esta linda cidade de Bragança, que ora vedes, emtreposto commercial e industrial de primeira ordem, sempre foi assim.

Até o anno de 1928, Bragança era uma cidade decadente, sem commercio apreciavel, apezar de ser uma das principaes do Estado.

Veio, porém, no quatriennio subsequente a esse anno, uma administração municipal progressista que estudando os nossos principaes problemas economicos e sanitarios, foi o ponto de partida para o despertar de novas energias, que succumbiam ante um marasmo condemnavel. E desde então Bragança progredio muito.

Olhae esta bacia hydrographica, esta bahia que aqui em frente vedes, larga de quinhentos e tantos metros onde os vapores de pequenos e grandes calados atracam com facilidade e onde os hydroaviões commerciaes e postaes, fazem a sua amerrissagem; isto não era assim.

Alli da margem opposta salientava-se uma grande ponta, uma especie de peninsula de sedimentos depositados pelo rio, de tujuco emfim, coberta de mangaes, siriubas e capinzaes, que diminuia esta largura, que vedes, para cento e poucos metros apenas.

Izabel Queiroz Ribeiro, filha do coronel João Paulo Ribeiro, esforçado collector estadual nesta cidade e sua digna consorte d. Maria Lucia Queiroz Ribeiro, recentemente formada pela Escola Normal deste Estado e um dos bellos ornamentos da nossa sociedade.

E, essa ponta alem de constituir um viveiro de carapanãs e de miasmas de toda ordem, alem de constituir um anteparo, pela sua vegetação, ás correntes de vento, tornando esta cidade humida, era um entrave á correntesa do rio, tornava esta largura diminuta e o rio, raso pelos sedimentos depositados em sua fóz, era inaccessivel á passagem de navios de um certo calado.

Olhae tambem, lá ao longe para a curva do rio que desce. Vede como esta avenida beira-rio, que sinuosamente margina este rio e este caes, é embellezada por edificios occupados pelo commercio e que a penumbra da distancia nos deixa ver como phantasmas negros, sobresaindo á luz da lua e dos fócos incandescentes, na poeira que baila no ar, movimentada pelos electricos.

Lá existia outra igual ponta de tujuco, condemnavel pelos mesmos motivos que aquella.

Veio a expansão da cidade e então esta ponta foi devastada de sua vegetação, aterrada e paulatinamente edificada.

Pode vos parecer, queridos netos, ter sido um trabalho oneroso para os cofres municipaes estes dois que acabo de me referir; vereis que não.

Por esse tempo havia uma certa procura das cascas dos referidos mangueiros para a industria de curtir couros.

E as cascas dessas arvores que eram vendidas a bom preço, e ainda mais a lenha obtida, igualmente vendida, veio custear as despesas de alargamento e aterros que fizeram, tornando assim possivel a realisação desses grandes trabalhos.

E ainda me lembro das detonações dos petardos de dynamite, que abalavam a cidade de momento a momento.

Dir-se-ia que Vulcano enfurecido contra as nymphas do Caeté, espadanasse nagua e lançasse no ar, torrentes de lamas envolvidas de fumaça, como se fossem baforadas quentes de sua colera.

Um outro trabalho grandioso, pelos fins commerciaes que veio preencher, foi a reconstrucção da antiga e desmantelada Estrada de

PIANO TRISTE

A' memoria de uma amiga

Noite calma e enluarada. A luz mortiça do luar banha a cidade, enchendo de fria tristeza a solidão da noite.

Pelas ruas ermas, onde domina o silencio, quasi ninguem passa, e a cidade como envolta em um manto sombrio, adormece.

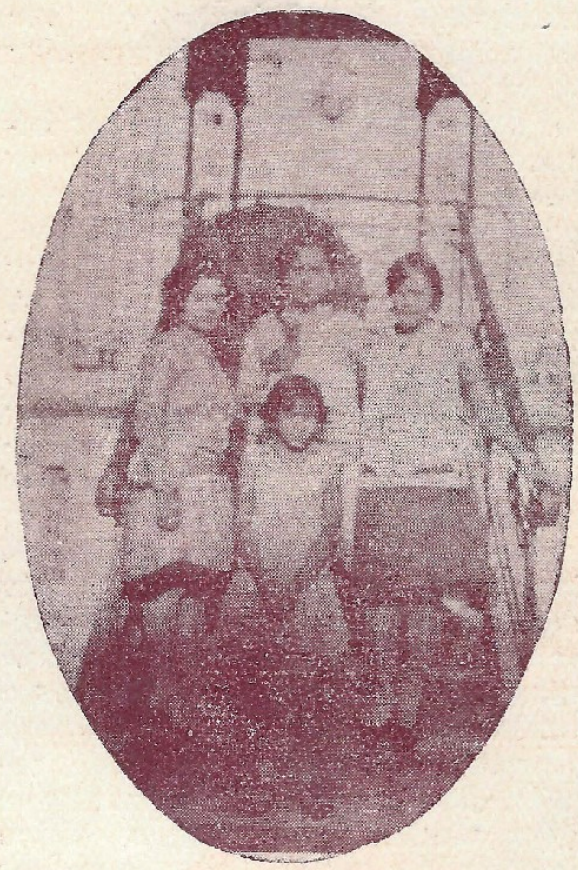
Somente um piano ao longe, ao dedilhar magico de suas teclas, enche o espaço de sons e melodias suaves...

E uma jovem, muito jovem ainda, que, para esconder o soffer que lhe invade a alma, occulta a magua tocando o seu piano, companheiro inseparavel de um viver afflicto.

Soffre; e para estancar mais a torrente de dôr que é o martyrio do seu coração, queixa-se silente e resignada, senta-se ao piano e começa a tocar... e tocando, vão se offuscando as idéas e os pensamentos lugubres; vem a satisfação, embora ephemera, e parece que sonha...

Os seus grandes e formosos olhos, ainda humedecidos pelas lagrimas que antes rolaram, brilham e cadenciosamente acompanham a musica e o teclado.

E os que passam e ouvem estas harmonias tristes que



...flores que vivem...

se evolam pela calada da noite, ficam com a alma presa de sentidas recordações.

Victima desde muito nova de um mal terrivel, incuravel, prefere estar só e poucas vezes apparece; e sua mãe, bondosa, incansavel, acompanha-a sempre nos seus dolorosos soffrimentos.

Seus dedos, atrophiados pelo medonho mal que lhe domina o corpo e lhe atormenta a alma, já não têm a destreza que tinham quando tocavam; e um sorrir doce, amavel, de labios corados, sempre transparecia naquella physionomia sympathica como um entreabrir de rosas.

Passam se os annos; prostrada pelo grande progresso da doença, jaz quasi inerte, esperando a todo momento o fim do seu interminavel soffrer. E' triste viver quando se conhece como ha de finalizar a vida!...

Desde então o piano triste, abandonado ao canto da sala, sem mais se ouvir os seus acordes, parece soffrer tambem.

Finalmente, um dia veio a morte, unico allivio de um soffer infindo e arrebatou aquella que na vida soube supportar os martyrios da carne.

E quando chegam as noites enluaradas e tristes, julgo ouvir sons mysteriosos e longinquos como os de um piano a tocar...

SCHWARTZ

21—12—929

Ferro de Bragança, adquirida por uma empresa que examinando cuidadosamente as possibilidades commerciaes e industriaes da região, tratou logo de electrifical-a, dotando-a de melhoramentos indispensaveis.

E assim foi que estudando varias forças hydraulicas existentes ao longo da estrada e que criminosamente estavam relegadas, aproveitaram para montagens de usinas capazes de fornecer a energia electrica necessaria.

Fizeram-na de linha dupla e a marginaram com a bellissima estrada de rodagem que por diversas vezes tendes percorrido.

A modificação do antigo projecto da estrada de ferro Piraporá-Belem que seguia ao longo do rio Tocantins, ao envez de alcançar Bragança, muito veio contribuir para que esta cidade se tornasse verdadeiramente um grande entreposto commercial.

A localisação de uma colonia agricola no percurso dessa estrada comprehendido entre o rio Tocantins e as cabeceiras do rio Guamá, veio aproveitar as riquezas naturaes daquelle rincão patrio até então relegado pela incuria dos poderes publicos.

Assim fallava d. Iracema Caeté num mixto de doçura e ufania contando aos seus netinhos a historia do progresso administrativo de Bragança.

E sorridente de haver conseguido acompanhar *pari passu* esse progresso, contemplava a linda bahia que á sua frente espelhava os prateados raios da lua, e os soberbos edificios que embellezavam a Avenida Beira-rio e que a penumbra da distancia os deixava ver como se fossem phantasmas negros sobresaindo á luz da lua e dos fócos incandescentes na poeira que bailava no ar, movimentada pelos electricos.

PHILOGEO CAETÉ

ROCEIRAS

Ao culto espirito de Augusto Corrêa

Estavamos no mez de Setembro de 1914, quando eu fui convidado, com muita insistencia para uma fésta no «Almoço», povoado que dista de Bragança perto de doze horas de viagem em canôa.

Os festejos em honra ao glorioso São Sebastião, durariam tres dias e seriam iniciados com o tradicional levantamento do mastro votivo, todo cheio de verdura, gerimús, abacates, côcos e pencas de bananas.

A festa de São Sebastião, nesse anno promettia o maximo de solemnidade por isso quea o terceiro dia, celebrava-se o anniversario do «Jujuca», filho mais moço do já fallecido capitão Innocencio Costa, chefete politico daquella povoação, subprefeito de policia local e segundo supplente de juiz substituto da 4ª circumscripção judiciaria da comarca, que tem por séde o referido povoado.

O «Jujuca», *caçulo* da familia Costa, completaria os seus risonhos 21 annos de idade e o capitão Innocencio todo satisfação annunciara uma opipara ceia de sessenta talheres aos mais graudos e graduados do «Almoço», dizendo a cada um de seus convidados «que esperava a comporição de tudos proquê nesse dia entregaria a *calta* de *arforria* ao rapaz, o unico que soubéra corresponder aos seus esforços aprendendo a ler e escrever e, portanto, um futuro *inlettô lorista*, seu digno substituto no bastão politico da localidade.

Assim. fôra-me feito o convite e tambem a outras pessoas desta cidade.

Formado, aqui o grupo de convidados para lá se dirigiu numa conôa que viera especialmente levar os convivas.

Em remadas successivas e vigorosas os experimentados canoeiros, latagões valentes, fizeram em menos de doze horas passar como num *écran* o «Aracateua», «Chaú, «Jutahy», Arimbú» e «Angelim», povoados que marginam o «Caheté». Finalmente quasi seis horas da tarde, com as «uberabas» cançadas de estarem sentadas no banco da canôa ha perto de um dia de viagem, aportando chanaan desejada!

Foi um verdadeiro acontecimento a nossa chegada: foguetes, tiros de rouqueira, bimbalhar do pequeno sino da capella e todos os alumnos da Escola Municipal, cantando o celebre — «nós samo da patria a guarda».

Tinhamos chegado no terceiro dia da festa, isto é, no dia do anniversario do «Jujuca», ou por outra, dia de entrega de sua *calta* de *arforria*.

Fomos hospedes do major Innocencio que, orgulhoso em hospedar os «muços» da cidade, tudo previo para que nada nos faltasse.

A casa de residencia do major sub-prefeito, chefe politico e juiz, estava repleto de moiçolas bonitas e faceiras; rapazes cheirando cosmetico e velhas enrugadas, e a apresentada um ar festivo e aromatico decorada como estava de bandeirinhas de papel de cor, crotous, sammambaias, trevos, japanas e manjericão. Em frente á casa tambem, bizarramente enfeitada, havia sido construida a classica barraca para as danças e onde se via uma comprida mesa preparada para a cêia. Esta, repleta de iguarias varias ostentava alem de outros petiscos, cinco leitões assados em forno e outros tantos perús recheiados, que nos fizeramcahir agua da bocca e augmentaro apetite já aguçado pela enfadonha viagem.

Anoitecia. Todos nós tinhamos deixado das margens do murmurejante «Caheté»,onde fomos desentorpecer os nervos num vasto banho *interno* e externo.

Começou o major Innoeencio a distribuir o pessoal nos bancos que circumdavam a mesa.

A' cabeceira principal foi occupada pelo «Jujuca»—o anniversariante--e aos lados, todos os convidados iam sentando-se na ordem da chamada que o major fazia em uma folha de papel adrede annotado, tendo o cuidado porem de collocar como elle dizia "engranzado", isto é, um homem e uma mulher.

Dado o signal de avançar, todos porfiaram na devastação dos quadrupedes e bipedes!

A' hora da sobremesa (doce de côco), o major bateu com a colher no prato pedindo silencio e annunciou que iria dar começo aos recitativas de "decimas"; e tirando do bolso os oculos e o papel onde estavam inscriptos os "decuneiros" fez a chamada destes, cada um de per si. A' proporção que elles eram chamados recitavam sestilhas e quadras, muitas já nossas conhecidas:

"Pó darco bota folô
Jaboty come dibaxo.
Minina si pode pode
Si não podi mi dispaxe.

Outro, teve a palavra:

«Condo eu era piquinino
Que não sabia falá
Minha mãe já mi insinava
A Deus do Ceu adorá».

O Zé Veado, rapaz que do «Almoço» todo era o mais desembaraçado e muito querido das moças casadoiras e que estava sentado ao lado da namorada, a Yáyá «Picota», mocinha bonitinha porém com muitas sarnas pelo rosto, foi o penultimo a ser chamado ao recitativo.

Condo eu era piquinino
Que não sabia falá
Minha mãe só me insinava
Biliscá dona Yáyá

Risada geral!

A Yáyá «Picota»,encabulada, virou-se para o Zé Veado e disse-lhe zangada: «Axé porcaria? Condo tú já mi biliscasti»?!!

Foi chamado á scena o ultimo do programma —o Gervasio «Piquiá» —conhecido no lugar pelos seus ditos picantes e espirituosos e por isso ao levantar-se as velhas resmungaram:

—Qué vê? Que vê? Lá vae bestêra!

Esti rapaz tem a bocca porca, qui!»

E o Gervasio «Piquiá», recitou:

«Condo eu era piquino
Eu drumia cum a minha mãi
Agora qu'eu tenhu filho
Drumo cum a mãi dos ôtro»!

Gargalhadas muitas e alguns protestos cobriram as ultimas palavras do versejador galhofeiro.

As velhas, zangadas pelo desaforo de«Piquiá» diziam umas para as outras:

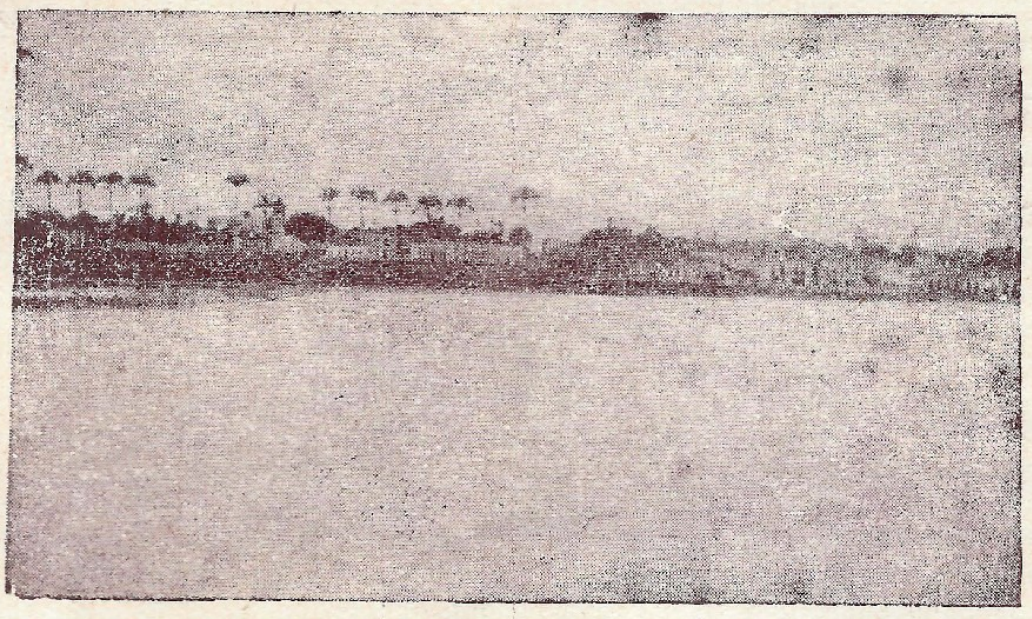
—«Eu não lhe dixe? Eu não lhe dixe?

Dali nunca sahiu cusa qui prestasse. Não sei cuma o majô inda cunvida esta bisca»!

Os declamadores eram freneticamente applaudidos pelo bater ensurdecedor de colheres nos pratos, pelo que, finda a ceia, verificou-se estarem quebrados quasi todos elles!

Finalmente, pediu a palavra o major Innocencio que cavalgando ainda os seus enfumaçados oculos leu um discurso ao filho e do qual guardei na memoria os ultimos topicos:

« .... Pois bem; meu filho; te alevanta-te e segue sempre o caminho que teu pae seguiu. Acompanha na pulitica o nosso querido chefe majó Chiquinho Pinheiro.



Vista parcial da cidade de Bragança

«Não dêxa ninguem ti dá rastêra no inleitorado e condo eu tivé murrido toma conta dos nossos inleitô; trata bem delles, aprepara nas vespras de inleição os nossos batelão pra levá elles pra cidade.

«Pois bem, meu filho; tú agora já tà grande. Tú è sinhô do teu nariz. Tù pode di hoje em diante fumá na minha frente que eu não ti ralho. Só tem, purem, uma coisa —Não bébe cachaça perto di mim si não eu te racho a cabeça cúm pau. Deus ti abençôe, meu filho».

Palmas, vivas, bater de pés e de colheres nos pratos e terminou assim, a «cêia de alforria» do jovem «Jujuca».

***

Iniciaram-se as danças.

As rebecas, violas e cavaquinhos, deturparam os tanguinhos e sambas conhecidos. As pequenas bregeiras saracoteavam nos braços musculosos dos caboclos a guisa de «pulica americana».

Alta madrugada, porem, a festa foi interrompida por uma grande assuada.

Fomos ligeiro ver de perto o que tinha acontecido.

A custo conseguimos atravessar a parede humana que rodeava dois contendores.

Chegavamos já perto dos brigões, quando ouvimos a voz colerica e imperiosa do major Innocencio bradando ao filho —o «Jujuca» que fazia uma *agua* furibunda sob os joelhos paternos:

—«Olha, meu filho. E' pra sirvi de inzemplo pros outro: Não é teu pae; não é o chefe pulitico deste quarteirão e nem a ôtoridade puliciá que vae te dá uns murro—É O PÔDÊ JUDICIARIO ! ! !

E vibrou perto de uma duzia de vigorosos murros pela cara e corpo do alcoolizado «Jujuca»—«alforriado». !

E.... acabou-se a festa !

Dezembro, 929.

BENCEPER.

Ironia do destino

Em um dos mais apraziveis recantos de Belem, morava Ruth, a mais linda e querida creaturinha que conheci.

Despreoccupada, olhando a vida pelo prisma ridente da felicidade, tendo a cercal-a os doces carinhos de seus paes e as attenções dos que a conheciam, não pensava siquer nos decretos immutaveis do destino. Contava vinte e quatro annos e teve, até então, a ventura de ver sempre satisfeitos os seus minimos desejos.

Pretendentes á sua mão, desde que começou a desabrochar para a vida, não lhe faltaram, mas a todos recusava. Esperava que o Principe dos contos, viesse despertal-a para o amor... Este não se fez esperar.

No dia em que, com uma festa imponente, commemoravam sua data natalicia, foi-lhe apresentado um insigne poeta, jovem ainda, que alliava ao talento um physico encantador. Desde então sentiu-se ferida pela setta certeira do Deus Cupido... E amou com toda a vehemencia de um coração verdadeiramente apaixonado, julgando ser egualmente correspondida.

Dois annos se passam e naquelle lar, out'rora rico e venturoso, reina agora a miseria e a dôr!...

Um negocio infeliz arruinara o sr. Alves, pae de Ruth, e o mensageiro dos seus sonhos de moça, quando a soube pobre, não mais a procurou.

Cruel ironia da sorte! No mesmo dia que, ha dois annos atraz feliz e venturosa, ouvia as juras ternas de um amor sem fim, foi nesse que deixou de existir, pobre e abandonada, Ruth a mais linda e querida creaturinha que conheci.

FLOR DE LIZ

Bragança, 22/12/929

CÉGO

Olhos sem vida, olhos sem luz, parados
dentro das orbitas escuras... Cégo:
—Sentes o anseio dos desesperançados
porque o mundo é um vacuo, é cáos, é pégo!

Vão-se-te na alma triste, ignorados
desejos... (Ante os males que carrego,
seria o mais feliz dos desgraçados,
se o meu instincto de homem fosse cégo!)

Na calma de horizontes apagados,
na agonia de crepusculos incertos,
sentes maior o teu pesar profundo...

Que fiques sempre assim de olhos fechados...
—Pobre de mim que vou, de olhos abertos,
contemplando as miserias deste mundo!

HAMILTON TORRES

Agora é tarde...

Eis-me de novo escrevendo para Revista Bragantina.

Hoje é o desejo supremo de ser agradavel aos seus illustres directores que me anima a pegar na penna, desdobrar tres tiras de papel almasso e rabiscar estas palavras singellas.

Mas, neste mundo, é preciso ter audacia para vencer, e, por isso, não tive duvida, não hesitei em expôr ao ridiculo os meus pouquissimos conhecimentos praticos na vida de imprensa, escrevendo um pouco.

Sirva, pois, de assumpto para estes rabiscos a vontade que eu tive, quando creança, de ser poéta um dia.

Como nasci na terra de Gonçalves Dias julguei haver trazido o *dom* que tanto distinguio Vespasiano Ramos entre os demais morlaes, immortales anda o seu nome na memoria de quantos conheceram a sua figurazinha e leram os versos de sua inspiração maravilhosa.

Desde pequeno comecei a fazer versos com a preoccupação phantasista de ser poéta.

Infelizmente, porém, não me foi dado progredir, motivo que me obrigou muito cêdo a abandonar definitivamente a pretenção, deixando a *Musa* em meio da jornada.

Agora, com a nova «escola», a escola futurista, chegou-me o arrependimento, e, o desejo de ser poéta invadiu-me furiosamente a alma falida de inspiração e de conhecimentos literarios.

Hoje, não ha rima, não existe cadencia para os versos, não necessitamos de regra para a poesia. Existe, apenas, uma cousa—a liberdade! liberdade de pensamento, liberdade de acção; emfim, liberdade para tudo!... assim...

Li, ha poucos dias, uma poesia que começava desta forma:

A branca areia o mar beijava
e o navio ia encostando desarvorado,
sem vela, sem leme,
sem tripulação!...
....

Quando terminei a leitura dos versos futuristas tive desejos de ser poéta para escrever, nesta hora, um poema de felicitações aos dignos directores e redactores da Revista Bragantina.

Agora é tarde... a *Musa* ficou tão distante.

CYRIACO OLIVEIRA

ÁQUELLA NOITE...

Ao BENCÉPER — a expressão mais viva da bohemia em minha terra — a simplicidade desta pagina realista.

Eu entrára, pela primeira vez, no «dancing» da Rua... não sei se por casualidade ou se mesmo á procura de uma distracção nova, inédita, sensacional, que me satisfizesse o espirito cançado.

*
* *

Foi perdoavel, portanto, o natural acanhamento com que eu penetrei áquelle retiro de mulheres deshonestas e de homens honrados: dessas mulheres que, na apparencia, são manhãs de outomno mal despertas, mas, no fundo, no positivo de uma triste realidade, são rosas sem perfume e sem haste; e desses homens que fazem da sua honra e da fraqueza das mulheres um «guiguinol» interessante...

*
* *

Pouco valem os confrontos...
Eu entrára casualmente naquelle «dancing».

*
* *

Na combinação pollychromica das lampadas lucilluzentes aquelles globulos accesos pareciam boccas em bocejos de luz.

***

Ao fundo do salão, daquelle amplo salão illuminado onde alguns homens bebiam e gesticulavam numa expansividade de ebrios, um «jazz» atirava aos quatro cantos o rythmo descompassado do ultimo «fox» sensacional da época.

Alguns pares dansavam. Alguns pares deslizavam, regamboleando os corpos, movimentando os quadris, unidos, bem unidos, como se desejassem transpassar um ao outro.

*
* *

Arredei, familiarmente, a cadeira de uma das humidas bancas de marmore postas em desalinho a um lado do salão. Sim: familiarmente. Que diabo! Pelo menos já havia reconhecido ali, entre as poucas pessôas presentes, o commendador Rodrigues da Silveira, obesso e arrogante, espaventosamente arrogante, dentro do sou «smoking» carissimo e dos seus 60 annos...

*
* *

Lancei um olhar observador em torno do salão illuminado. Diminuta frequencia. O minimo de homens. Média maior das mulheres. Das mulheres que á noite são mais procuradas porque nem todas as noites ellas são as mesmas. Dessas mulheres que se realçam sob o esplendor das sedas e das joias e vivem a disfarçar, na expontaneidade de um sorriso e na simplicidade de um gesto carinhoso, mas voluvel—a dôr que provem de um destino anniquilador, irremediavel. Dessas mulheres que não pensam no dia de amanhã porque, dentro de suas amarguras occultadas, são mais positivas, são mais resolutas e mais raciocinadoras que muitos mortaes: *ou hoje ou nunca*! Dessas mulheres que apparentam desconhecer o soffrimento que humilha e põe cachoeiras crystallinas de lagrimas nos olhos; e a penuria que pondo riscos negros de pavor no claro-escuro dos albergues, abate, maltrata, consome, e enfraquece, aos poucos, o organismo... Dessas mulheres...

...mas quem não sabe que essas mulheres são tão infelizes e tão desgraçadas?! Quem dirá que ellas não hão de conhecer, finalmente, a Vida: a vida-tormento, a vida-amargura, a vida dos que não podem sorrir para o mundo porque têm pavor da indifferenciosidade com que elle espalha as suas miserias anniquiladoras!? Ninguem.

Talvez o commendador Rodrigues da Silveira...

*
* *

—Pensa?

—Volvi-me, assustado, como quem está com o pensamento além... Tinha ao flanco um vulto esguio, muito esguio, quasi sombra, quasi mulher.

—Não, Observo...

— ...a indifferença dos homens?

—...a felicidade das mulheres...

*
* *

Ella se chamava Georgette. Sim. Talvez fosse Georgette por aquella noite. Na anterior, chamara-se Luiza. Amanhã, certamente, terá outro nome mais suave ou mais exquisito. Outro nome e outro vestido. Outro vestido e outra alma... Mas, è preciso que assim seja. Do contrario: a impopularidade, o insuccesso, o abandono dos homens...

Dos homens que dão tudo por um novo vestido e por um nome exquisito... Dos homens que resvalam ao mais baixo nivel moral bi-partindo as suas posses e suas forças physicas entre a esposa e a prostitutasinha cynica, que attrahe com um sorriso, entrega, indifferentemente, o corpo de carnes flacidas e brancas para poder pousar as garras nas algibeiras fertieis e sanguisugueal-a toda!

*
* *

—Allô!

Era o meu velho amigo Alves Franco que chegava e abancava-se ao meu lado, fazendo com a cabeça um chamado ao garçon.

—Ha muitas horas aqui?

—Ha momentos.

E para o garçon que chegava:

—Whisky!

Tinhamos já a confrontar-nos os calices com o liquido entorpecente.

Alves Franco solveu-o lentamente e, após, tocando-me ao hombro:

—Que adoraveis formas as daquella francezinha. Vês?

—Qual? interroguei, procurando divisal-a.

—Aquella que está ali, a enlaçar hypocritamente aquelle Sancho imbecil, aquella velha e viscosa parasita que é terror dos lares desprevenidos...

Olhei. Era o commendador e Georgette. Era o commendador Rodrigues da Silveira que gesticulava bestialmente para o lado de Georgette que sorria...

***

Franco poz, a centimetros, a sua cadeira da minha. Curvou-se. E em voz baixa:

—Dizem que este commendador Silveira, na sua logica, julga-se o mais feliz, o mais honrado, o mais puro de todos os homens! O mais feliz, porque não sabe o que é trabalho; o mais honrado, porque só o interessa a vida dos *outros* (a delle põe a juizo destes); o mais puro, porque, se possivel fosse, reuniria todas as mulheres e, a todas ellas daria uma scentelha de affecto. De affecto e de alguns contos de réis. Não seria usurario para com ellas... Não seria, não! Não é. Marcha conforme o rufo do tambor...

As suas aventuras se espalham por séries. Elle tem muitas como todos os homens dados a conquistas... A conquistas facieis e difficieis. Naquellas—as mulheres viciadas que, mesmo assim, nem sempre se deixam derrotar no primeiro encontro. Nestas—as viuvinhas incautas, as operariasinhas pobres mas pudoradas, as creadinhas que recendem a virgindade e, quando passam por nós, deixam-nos no olfato um cheiro agradavel de pureza e candura...

As aventuras e as *pequeninas coisas* da vida delle, desse rochonchudo commendador Rodrigues da Silveira, são de pasmar.

Alves Franco teve um movimento de enfado. Respirou forte. Reteu no lenço algumas bátegas de suor que lhe escorriam pelo rosto desfigurado. Sorveu o ultimo gole de whisky. E continuou:

—Não vale por anedocta. Mas o *caso* ha de lhe merecer ao menos um sorriso...

Elle, o commendador, chegára muito tarde em casa, nessa noite. Chegára cançado, abatido e a resmungar, de quando em quando, contra o calor enorme que fazia.

E, como o adeantado das horas não lhe permittisse mais a leitura do ultimo capitulo de um romancesinho canalha que alguem lhe houvera emprestado ha dias, o commendador, depois de atirar as vestes, descuidosamente, sobre as cadeiras e cabides, jogou-se mollemente, pharadisiacamente, sobre o fôfo colchão de sua funda e lustrosa cama de casal.

Desde o dia em que lhe morreu a esposa, o commendador passou a morar sosinho naquelle casarão deserto, muito bem arejado e que, ao contrario delle, parece que ainda vive a chorar a sua viuvez pelo silencio que lhe inváde os amplos apartamentos e pela tristeza das suas janellas constantemente cerradas.

Somente para servir-lhe e attender-lhe nas occasiões precisas tem a figura carbonada e automata de um negro rachitico, emperdigado e sordido, que não possue outro attrativo senão aquelle sorriso sempre alegre e disfarçado que lhe anda a bailar nos labios cahidos.

O commendador já se havia transportado ás *ethereas regiões*...

Cahia pesadamente o silencio sobre tudo.

E a noite mais se fazia sentir pela immovibilidade das cousas e dos séres.

Passaram-se algumas horas. O commendador Silveira dormia gosando o somno tranquillo dos que têm a consciencia calma e se refastelam num leito confortavel, em trajes menores...

O seu instrumento de mandados tambem devia ter o corpo exhausto de labuta, repousado na curva deliciosa de uma rêde distendida. Ou no duro madeiro do soalho do quarto...

Sobre o primeiro poderia se reconstruir Roma e incendial-a de novo. O somno dos justos termina naturalmente... Agora, aquelle pedaço de gente imprestavel, aquelle racthitico e attenciosissimo serventuario do commendador, esse, bastaria para despertal-o, o rythmo cadenciádo dos passos lentos de algum retardatario, no asphalto insensivel das ruas. E lá estaria a pôr os ouvidos attentos, prescutando...

E' o que se deduz disto:

Aproveitando, talvez as sombras quasi impenetraveis do jardim que circundava o palacete do commendador Rodrigues, alguem procura penetral-o, sorrateiramente...

Era algum humano passaro nocturno, desses que, na profunda solidão das noites escuras, muitas vezes forçados por necessidades incongruentes, trocam o nome respeitavel de *cidadão* pelo epitheto amedrontador e condemnavel de *lunfa*.

O creado presentio logo, e, sobresaltando-se, ergueu-se pallido de susto. E, sem mais nada, deu o alarme.

O commendador, lá em cima, ouvio e levantou-se, tambem sobresaltado. Enfiou os braços na blusa do seu finissimo pyjama. Attentou os orgãos auditivos:

—Ladrão! Ladrão!

Rodrigues da Silveira, com o inesperado, é possuidor de novas forças e novas decisões... E sahio a correr para os fundos da casa onde já se encontrava o negro, tremulo, pallido como um cirio, apontando o vulto que corria desabaladamente pelas alamedas do jardim:

—Lá vae! Lá vae! Saltou o muro, o miseravel!

O commendador e o negro vão a perseguir o lunfa. Chegam ao portão. Abrem-n'o. E sahem para a rua.

—Lá vae o patife! O pa-ti-fe! Persigamol-o, ruge, encolerizado, o commendador.

E lá se vão, amo e creado, a correr doidamente pela rua deserta. Na esquina, estancam. O vulto tinha desapparecido na vertiginosidade da carreira que levava...

E Rodrigues da Silveira, tremulo de cansaço e de colera:

—Um guarda! Procura um guarda,—ó imprestavel, pedaço de pedra, môco!...

O negro, então, num gesto altivo de quem descobre um segredo, ficou a olhal-o, sem arredar pé.

E, fitando o commendador de cima para baixo, com um leve sorriso de ironia nos labios grossos:

—Mas, para que «seu» «doutô»? O «doutô» não vê que eu chamá um guarda é perigoso? Não vê?!

Elle curvou a cabeça para baixo e observou-se...

Sob a luz baça do solitario lampeão da esquina estava um homem semi-nú.

O commendador se esquecera de vestir a calça do pyjama!

* * *

Georgette passava por nós. Alves Franco volveu-se e foi acompanhando- com o seu olhar de somnambulo até vel-a sumir-se na inclinação subterranea da escadaria...

—Que formas adoraveis as daquella francezinha! Parece ter no olhar a suavidade das aguas tranquillas e, no corpo, essa embriaguez deliciosa que debilita as forças e entorpece os sentidos.

E, encarando-me com olhar de affronta:

—Apparentemente, aquillo é assim como uma caixinha minuscula, avelludada, interessante, que attrahe com a sua admiravel conservação externa e onde a gente pensa estar occulta uma joia faiscante, de rarissimo valor... Vae abril-a! Vae desvendal-a! Vae valorizal-a, tú! Vae!

Alves Franco riu-se. Ria fora de si. Ria-se como um ébrio, enthusiasmado, reclinando o corpo para traz.

* * *

Iamos agora, eu e o Alves Franco, avenida afóra, ebrios de somno e de cansaço. Franco, braço apoiado sobre o meu hombro, olhar jogado para o chão, chapéo cahido para traz, gesticulava á esmo' dirigia palavras imperceptiveis ao imaginario...

Alguns autos passavam, velozmente, pela avenida, sangrando o coração do silencio com o fonfonar importuno de suas businas estridentes.

Lá muito acima, no principio da rua, o silvo prolongado e agudo do apito do guarda vigillante, pedia a attenção dos companheiros.

Pelo lado contrario ao nosso, de quando em quando, passava um bohemio desbragado, clamando obsenidades, gargalhando forte, e a conduzir enlaçada pela cintura, a *preza* adquirida naquella noite...

Neblina. Frio. Lassidão... Corpos expostos á frialdade e ao abandono, repousando sobre o duro madeiro dos bancos do jardim. Gente pobre. Gente maltrapilha. Gente sem lar.

Cá em baixo, o peregrinar doloroso dos bohemios de raça e dos desgraçados sem tecto. Lá em cima, as ultimas estrellas fazendo o ultimo giro de sua ronda luminosa...

—E aquelles dois vultos que, á nossa passagem, separaram-se desconfiados, rapidamente, como se estivessem a commetter algum delicto grave? Namorados? Talvez. Devassos, certamente. Mas, deviam se sentir felizes. Felizes e ao completo desinteresse de nós outros ..

E lá iamos nós, eu e o Alves Franco, esquecidos e nós mesmos, cambaleantes, somnolentos, avenida afóra, a observar os primeiros movimentos da cidade mal desperta.

E, comnosco, acompanhando-nos de manso, de mansinho, a lembrança de tudo.

A'quella noite...

CARLOS *Belem — Dezembro — 1929* WILSON

Moreira, Gomes & C.ª

BANQUEIROS

Operações Bancarias
Cambiaes
Ordens Telegraphicas
Moedas
Depositos em C/Correntes
Cartas de Credito

Condições Modicas

Rua 15 de Novembro, 42

TELEPHONES: — 700-128

BELEM — PARA' — BRASIL

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ
Secção de Obras do Pará

LOJA TUPY

DE

Sebastião José da Silva

Antiga e conhecida casa de FAZENDAS e MIUDEZAS onde se vende por preços sem competencia. Todo freguez amigo de sua bolsa deve visitar esta casa.

CASA EXPORTADORA DA ACREDITADA MARCA DE TABACO

TUPY

Praça da Republica n. 27

BRAGANÇA — PARÁ

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO COSTEIRA

Séde — RIO DE JANEIRO

LINHA BELEM — RECIFE

Servida neste porto pelos vapores ITAPÉUA e ITAPECURU' que aqui aportam nos dias 12 e 21 de cada mez, respectivamente vindos de Belem e Recife. Recebe passageiros e cargas para todos os portos do Brasil com baldeação em Belem e Recife.

Agente nesta cidade

Pacheco & Filho Ltd.

TRAV. LAURO SODRÉ — BRAGANÇA

TYPOGRAPHIA BRASIL

Facturas, Rotulos, Livros em branco, Cartões de visita, etc.

PEDRO F. DE SOUSA — *BRAGANÇA - PARA'*

CASA BELEM

DE

MARIO ANTUNES & Comp.

Esta casa não precisa fazer reclames, pois sendo LEADER do commercio de Bragança, a modicidade de seus preços e a bôa qualidade de seus artigos, a recommendam bastante

Especialidade em ARTIGOS DA MODA, PERFUMES e FAZENDAS em geral

BRAGANÇA — PARÁ

Fazendas finas, Miudezas, Phantasias e Perfumarias, como tambem seccos e molhados, encontram-se aos melhores preços, no importante estabelecimento

BAZAR CHIC

— DE —

Marcelino R. do Rosario

MERCADO MUNICIPAL N. 9 A 11

— — ***BRAGANÇA*** — —

FABRICA ORIENTAL

SABOARIA e EXTRACÇÃO de OLEOS

Fabricante das Reputadas Marcas de Sabão

DÉDÉ, — CAETÉ, — JAHÚ, — FAMA,

ORIENTAL, — XUMUCUY

Compra aos melhores preços toda e qualquer quantidade de Sementes Oleaginosas, especialmente UCUHUBA, ANDIROBA e CARRAPATO

USAR E PREFERIR os productos da antiga e muito conhecida FABRICA ORIENTAL é ter a certeza de comprar superiores, boas e inimitaveis marcas de sabão Pedidos e informações para

F. RAMOS

BRAGANÇA — ESTADO DO PARÁ

Banco Rural de Credito

DE BRAGANÇA

SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE ILLIMITADA

Emprestimos a curto e a longo praso — Recebe dinheiro em conta corrente de movimento e a praso fixo

Fundado no dia 1' de Outubro de 1929, em conformidede com o Dec. 1.637 de 5 de Janeiro de 1907

End. teleg. — **RURAL**

DIRECTOR-PRESIDENTE *João Paulo Ribeiro* - DIRECT.-GERENTE *Cyriaco Oliveira*

INFORMAÇÕES

Praça Marechal Deodoro da Fonseca ou com a Directoria

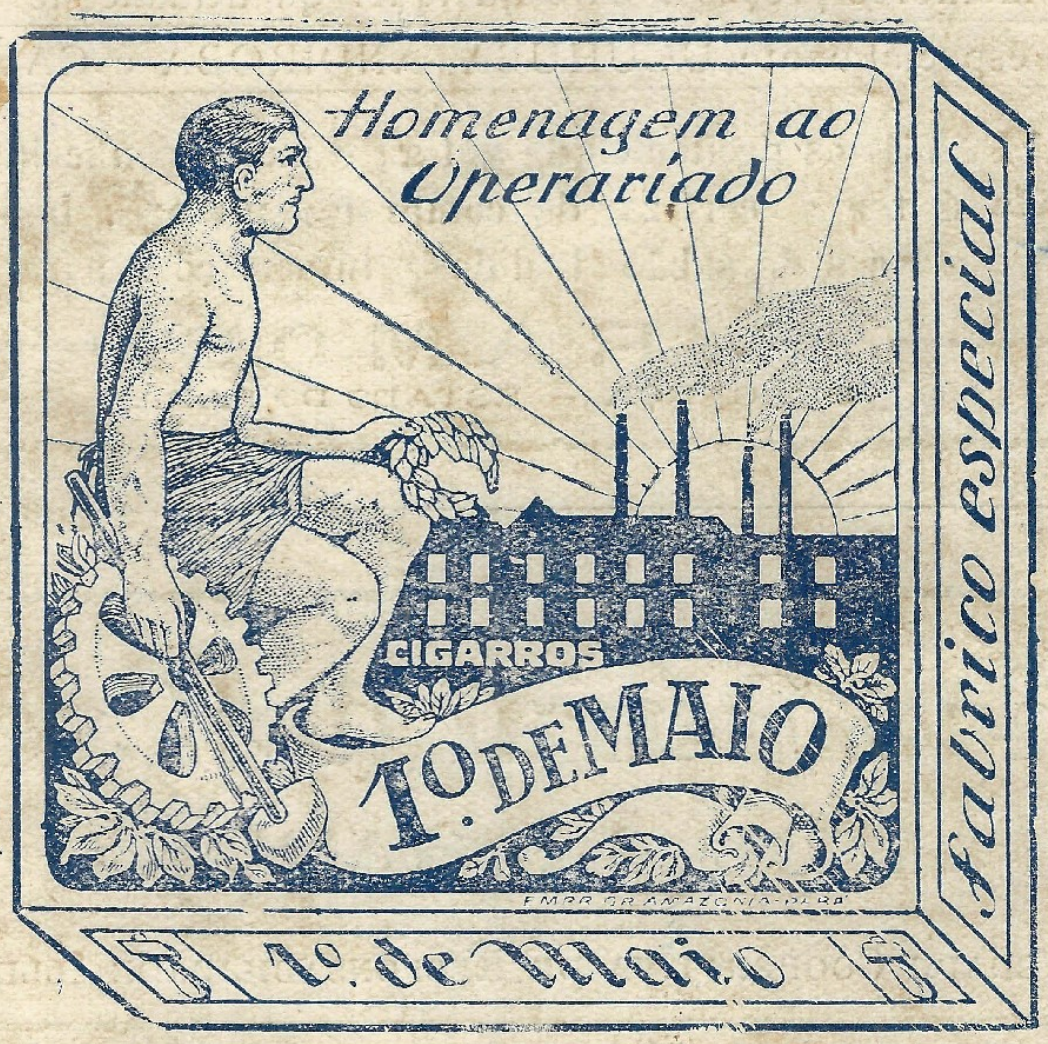
EXPEDIENTE — Das 9 ás 11 da manhã e das 2 ás 4 da tarde

OS MELHORES CIGARROS

DE

FUMO PARAENSE

FABRICA



ESMERALDA

Cigarros manipulados a capricho, no asseio e na SUPERIORIDADE de fumos rigorosamente escolhidos, para satisfazer os consumidores.

FLORIANO RODRIGUES

Trav. 7 de Setembro, 29 e 31 — TELEPHONE, 1479

Pará — Belém